

Viena, 29 de Maio 2020

Universität Wien
Philologisch-Kulturwissenschaftliche Fakultät
Institut für Romanistik
Seminário: “O Trabalho Científico”
Ensinado por Prof. Dr. A. Sabichão

Trabalhos académicos em linguística

Trabalho apresentado por:

Romana C. Romanistinger
Matrikelnummer: a12345678
e-mail: romana.romanistinger@univie.ac.at
Linguistengasse 47/11
1090 Wien

Romanistik Portugiesisch (BA)
5. Semester

O presente manual é baseado em materiais desenvolvidos por Judith Meinschaefer e Eva-Maria Remberger, assim como sugestões por Katharina Hartmann e Elissa Pustka. O manual foi traduzido do alemão para o português europeu por Irene Fally e Anna Kocher, e relido e verificado por Muriel Assmann.

Índice

1. Introdução.....	1
2. Objetivo(s) dum trabalho académico.....	1
3. A forma exterior dum trabalho académico.....	1
3.1. Ortografia.....	2
3.2. Formato de página e capa.....	2
3.3. Convenções tipográficas.....	3
3.4. Índice	4
3.5. Notas de rodapé	4
3.6. Referências no texto	5
3.6.1. Referência rápida	5
3.6.2. Omissões na citação	6
3.6.3. Inserções, ênfase e esclarecimentos na citação	6
3.7. Características principais da composição de texto.....	7
3.7.1. Expressões em língua estrangeira	7
3.7.2. Material linguístico	7
3.7.3. Tabelas e gráficos	8
3.8. A bibliografia	9
3.8.1. Estrutura dum entrada na bibliografia	9
3.8.2. Obras independentes versus obras dependentes.....	9
3.8.3. Fontes de Internet.....	11
4. A estruturação do conteúdo dum trabalho académico	12
4.1. As questões de pesquisa.....	12
4.2. A estrutura textual.....	12
4.3. Língua, estilo e terminologia	13
4.4. Ideias próprias e de outros.....	14
4.5. Literatura científica.....	15
5. Conclusão	17
6. Bibliografia.....	18

1. Introdução

As presentes indicações explicam os fins (capítulo 2), a forma (capítulo 3) e como estruturar o conteúdo (capítulo 4) de trabalhos académicos na área da linguística. O objetivo é resumir as características mais importantes deste tipo de trabalho num modelo formal e autorreferencial. Podem-se achar mais indicações nos clássicos de Standop (2008) e de Eco (1997), na obra de referência em inglês Gibaldi (2009), em alemão Rothstein (2011) e em Soares et al. (2013).

2. Objetivo(s) dum trabalho académico

O trabalho académico apresenta um trabalho de pesquisa e análise e contém os resultados duma investigação. Um trabalho académico pode também ser baseado em dados empíricos recolhidos pelo próprio estudante. Ao escrever um trabalho académico se aprende a:

- elaborar um tema autonomamente,
- fazer pesquisa e compilar uma bibliografia,
- escolher duma grande quantidade de informação só o mais relevante,
- entender conteúdos complexos e reproduzi-los em forma escrita,
- desenvolver perguntas de pesquisa, planejar estratégias para solucioná-las e aplicar métodos científicos para achar soluções,
- argumentar a favor duma solução escolhida para um problema concreto,
- expressar-se em forma escrita numa maneira precisa e compreensível,
- produzir textos escritos digitalmente que sejam visualmente atrativos,
- utilizar processadores de texto.

Enfim, as competências necessárias para compor um bom trabalho académico fazem parte das competências-chave que também são necessárias na carreira profissional.

3. A forma exterior dum trabalho académico

Para que seja legível, claro e compreensível, um trabalho académico tem de respeitar critérios formais específicos. Apesar de existirem várias normas distintas, as indicações resumidas no presente documento são as mais habituais para trabalhos linguísticos. Os requisitos que figuram

abaixo respeitam as convenções técnico-formais fundamentais, à luz das quais se avalia o conteúdo dum trabalho produzido em linguística (românica).

3.1. Ortografia

O sistema ortográfico atual da língua portuguesa deve ser aplicado de maneira coerente em todo o trabalho. O trabalho deve seguir as convenções gramaticais e ortográficas duma só variedade do Português (Português Europeu ou Português do Brasil). Significa que é necessário escolher uma variedade e aplicar as suas convenções de maneira consistente. Se disponível para o processador de texto usado, é aconselhado instalar o corretor ortográfico correspondente¹ (em caso de dúvida, cf. Correia & Ferreira (2017) para Português Europeu e Becharra (2017) para Português do Brasil). Além disso, sê atento e elimina todos os erros tipográficos que impactam negativamente a avaliação. Tais erros evitam-se facilmente lendo o trabalho repetidamente e revisando-o várias vezes antes de entregá-lo. Para os estudantes cuja língua materna é diferente da utilizada no trabalho académico, é imprescindível que o façam ler por um falante nativo, que o revisará prestando atenção especial na linguagem, no estilo e na compreensão do conteúdo.

3.2. Formato de página e capa

O formato da página tem de ser configurado de tal maneira que fique com uma margem de 3cm à esquerda e de 2cm à direita. Escolhe um tipo de letra comum (Times New Roman, Arial) dum tamanho de fonte normal (12 pontos; títulos podem ser escritos num tamanho maior). Para manter uma aparência uniforme, não utilize mais do que três fontes distintas num mesmo trabalho – em geral é recomendável utilizar um fonte só, a não ser que o uso de fontes diferentes é requerido por motivos convincentes. Utilize o formato de parágrafo justificado, separação de sílabas automática ou manual, e um espaçamento entre linhas de uma linha e meia. Indique o número da página na parte inferior de todas as páginas. Lembra que a contagem de páginas começa só depois do índice.

O trabalho vem precedido por uma capa na qual se indica o autor / a autora (nome, endereço, correio eletrónico, número de identificação do/da estudante), a cadeira correspondente (professor, semestre, título da cadeira), e obviamente: o título do trabalho.

¹ Caso não for possível a instalação de um corretor ortográfico, existe também um corretor ortográfico online que pode corrigir textos em Português Europeu e Português do Brasil, com ou sem respeitar o acordo ortográfico. A versão em linha não permite, no entanto, a correção de textos de mais de 3000 caracteres: <https://www.flip.pt/FLiP-On-line/Corrector-ortografico-e-sintactico> (15.04.2020).

Utilize papel branco de formato A4 que se imprime numa face.² Certifique-se que as folhas individuais se mantenham unidas (por exemplo: encadernação com espiral ou de folhas móveis, capa de documentos; encadernação colada profissional para os trabalhos finais maiores como as teses de mestrado).

3.3. Convenções tipográficas

Reserva-se o itálico essencialmente para as expressões da língua objeto, quer dizer, para o material linguístico da língua sobre a qual se escreve (cf. Ex. 1):

Ex.³ 1: A palavra francesa *vert* 'verde' tem quatro grafemas, mas só três fonemas.

O sublinhado deve-se evitar. A **formatação em negrito** pode-se usar com moderação para destacar términos ou palavras-chave. Deve-se evitar de qualquer forma a **ênfase múltipla**.

A ortografia portuguesa distingue entre aspas angulares («xy»), aspas curvas (“xy”) e aspas simples (‘xy’). No Português Europeu usam-se tradicionalmente as aspas angulares porém ultimamente se nota um crescimento do uso das aspas curvas. No Português do Brasil as aspas curvas são as mais usadas e as aspas angulares são pouco conhecidas. Portanto, pode eleger as aspas que prefere entre as duas. O ponto essencial, no entanto, é a aplicação coerente dum tipo de aspas em todo o trabalho. O uso combinado dos tipos de aspas só é admissível em casos muito especiais. Isto é, para distinguir entre diferentes níveis de citações pode-se recorrer à aspas primárias e secundárias (por exemplo: “*O António disse: «Que ‘droga’ faz o Mário?»*”). As aspas simples servem para indicar o significado de palavras estrangeiras por exemplo nas glosas (cf. cap. 3.7.2; Ex. 7a).

Os hífen (-), a meia-risca (–) e o travessão (—) não são a mesma coisa. Os hífen são os mais curtos dos três. Servem para ligar elementos de palavras compostas (*análise linguístico-literária*) e para unir os pronomes átonos a verbos (*fala-se, vê-la-ei*). Também são usados para a divisão em sílaba ao final da linha. A meia-risca é duas vezes mais longa que o hífen. Une os valores extremos duma série (*1–100; A–Z*) ou palavras que têm um nexos lógico (a viagem *Lisboa–Portugal*). O terceiro tipo, o travessão, é o mais longo e mede o dobro da meia-risca. É empregado no discurso direto (*— Bom dia, filha. — Oi, mãe.*) e para separar partes do discurso

² Note-se que em alguns casos devem ser aplicadas outras especificações: para teses de mestrado, por exemplo, se deve imprimir verso e anverso.

³ Os exemplos que se apresentam nessas páginas são reduzidos a um tamanho de letra de 10 pontos. Num trabalho académico, na maioria dos casos, essas partes do texto seriam no tamanho de fonte e no formato do texto principal.

primário dum discurso secundário, intercalado (*Convidou-me à sua casa — um autêntico palácio — e almoçamos lá.*). Tal como na ortografia alemã, nesses casos o travessão aparece entre dois espaços em branco. Sob nenhuma circunstância deve-se confundir hífen, meia-rica e travessão. Infelizmente, não se pode fiar apenas nos revisores automáticos de ortografia.

Ao organizar o material do texto, deve-se evitar a criação de linhas e quebras de página ilógicas ou que perturbem de alguma maneira a leitura. Particularmente, é fundamental eliminar as quebras de página imediatamente depois dum título. Também não tem sentido começar uma nova secção se há espaço suficiente apenas para o título e uma linha só. Sempre se devem evitar linhas órfãs, que é o caso se a primeira linha dum parágrafo é a última na página, e linhas viúvas, que é o caso se a última linha dum parágrafo aparece sozinha numa nova página. Finalmente, também se devem evitar as quebras de página dentro dos exemplos linguísticos e gráficos (como por exemplo árvores de estrutura sintática). Para evitarem tais quebras inoportunas, os processadores de texto permitem especificar que os parágrafos devem permanecer juntos. As quebras de linhas desfavoráveis, como por exemplo depois dum sinal igual (=), podem-se evitar a través dum espaço sem quebra de linha.⁴

3.4. Índice

O índice é um ponto de orientação para os leitores do documento. Reflete a estrutura e a subdivisão do trabalho (alinhadas à esquerda) e contém referências de páginas (alinhadas à direita, separadas por uma linha pontilhada). Para numerar os capítulos e subcapítulos, usam-se números arábicos decimais (tal como na estrutura do presente documento). A introdução sempre leva o número 1; uma possível secção 0 é reservada exclusivamente para tratar de aspetos fora do alcance do trabalho mesmo (observações prévias, dedicatórias, anedotas pessoais⁵). No caso de subcapítulos, preste atenção para não criar subcapítulos sozinhos e desnecessários (quer dizer: não há 1.1 se não há também 1.2).

3.5. Notas de rodapé

Deve-se usar notas de rodapé com moderação. Aparecem ao pé da página respectiva onde se inserem. As notas de rodapé terminam com um ponto, e, como o texto, são escritas em

⁴ Nos processadores de texto a função dos espaços sem quebra de linha acha-se junto aos caracteres especiais.

⁵ Tais observações prévias são muito pouco usuais nos trabalhos académicos de seminário escritos por estudantes.

parágrafos justificados. As notas de rodapé são úteis no caso de haver informação adicional importante⁶ que poderia perturbar a leitura e a organização lógico-linguística do texto corrente; quer dizer que esta informação não pertence ao tema no sentido restrito. Dado o estilo da referência rápida (cf. 3.6.1), as citações se fazem diretamente no texto e **as referências bibliográficas não aparecem nas notas de rodapé.**⁷

3.6. Referências no texto

3.6.1. Referência rápida

Nos trabalhos de linguística moderna utiliza-se a referência rápida (autor(es)/autor(as) ano de publicação: número de página), o que é uma forma abreviada da citação. As referências completas das obras citadas desta maneira aparecem na bibliografia ao final do trabalho (cf. também 3.8).⁸ Para a citação direta que aparece entre aspas dentro do texto contínuo, a referência rápida segue a citação (cf. Ex. 2). Para fazer referência a uma obra sem reprodução direta do texto (“cf. ...”), a referência rápida é colocada ao final da secção correspondente e antes do ponto final (cf. Ex. 3).

Ex. 2: Num contexto francês os nomes de marcas comerciais definem-se da seguinte maneira: “Als Warenzeichen verleihen sie [= nome do produto] [...] dem Produkt den Marktwert eines Markenartikels” (Weinrich 1982: 295). Costume-se sublinhar que os nomes de marcas na linguagem publicitaria se usam habitualmente sem artigo, como é também o caso com os nomes de pessoas.

Ex. 3: A literatura também sugere uma análise composicional dos verbos auxiliares, no que o lat. *habere* ‘haver’ se interpreta como *esse(re)* ‘ser’, ao que se integrou um clítico possessivo (cf. especialmente Kayne 1993).

As citações mais longas (de mais de três linhas) geralmente são colocadas à parte depois do parágrafo, normalmente num tamanho de letra menor (10 pontos) e com um espaçamento de linha simples. Neste caso, omitem-se as aspas. A citação segue aqui ao fim do parágrafo.⁹

⁶ No documento presente também se acham notas de rodapé com informações complementares.

⁷ Se for possível, os números de referência da nota de rodapé em sobrescrito dentro do texto corrente aparecem depois dos sinais da pontuação (como é o caso aqui).

⁸ Normalmente, o autor / a autora verifica e consulta pessoalmente todas as referências bibliográficas e as referências derivadas de elas. Só em casos excepcionais, quando não é possível consultá-las, se podem fazer referências não diretas, como “(cf. Roberts 2003: 14, segundo Müller 2008: 14)” ou “(cf. Roberts 2003: 14, citado segundo Müller 2008: 14)”. Nestes casos a bibliografia ao final do trabalho contém não só a referência completa de Müller (2008) consultada pelo autor/pela autora, como também a de Roberts (2003), que não foi consultada pelo autor/pela autora.

⁹ Pelo tanto, no Ex. 1 se deve imaginar o texto principal no tamanho 12pt. e o texto com indentação no tamanho

Ex. 4: Naturalmente suscita a pergunta em quê consiste uma gramática equipada para satisfazer as exigências dum sistema eficaz de tradução automática. Allen (1995), por exemplo, resume as características necessárias na seguinte forma:

In constructing a grammar for a language, you are interested in generality, the range of sentences the grammar analyzes correctly; selectivity, the range of non-sentences it identifies as problematic; and understandability, the simplicity of the language itself. In small grammars [...] one structural analysis of a sentence may appear as understandable as another [...]. As you attempt to extend a grammar to cover a wider range of sentences, however, you often find that one analysis is easily extendable while the other requires complex modification. The analysis that retains its simplicity and generality as it is extended is more desirable.

(Allen 1995:44)

Deve-se utilizar as citações textuais longas só quando uma reprodução exata é importante. Normalmente uma citação curta é melhor (cf. Ex. 2). Em todo caso, é sempre preferível reproduzir o conteúdo lido com as próprias palavras e, ao fazê-lo, mencionar a referência à fonte ao final ou ao anunciar a reprodução (cf. Ex. 4).

3.6.2. *Omissões na citação*

Caso se omitam partes do texto original nas citações, estas não podem mudar o significado e a omissão deve ser assinalada como tal, usando [...] (cf. Ex. 2 e Ex. 4 em 3.6.1).

3.6.3. *Inserções, ênfase e esclarecimentos na citação*

Se o autor / a autora do trabalho quer aumentar a citação por adições explicativas ou destaques próprios, estes também devem ser indicados claramente. O mesmo se aplica às eventuais traduções de citações.¹⁰

Ex. 5: Chomsky descreve-o de maneira semelhante: “The [human] language faculty has at least two components: a **cognitive system** that stores information, and **performance systems** that access that information and use it in various ways” (Chomsky 1995: 2; negrito acrescentado¹¹).

Aqui o autor / a autora acrescentou partes do texto entre parêntesis e usou a letra em negrito para a ênfase (cf. também a adição explicativa entre parêntesis no Ex.2 em 3.6.1).

10pt.

¹⁰ Quando se cita um extrato dum texto traduzido e quer o utilizar como tal no seu trabalho, em primeiro lugar, deve esclarecer que se trata duma citação e em segundo lugar, deve indicar de onde provém a tradução (referência bibliográfica ou indicação como “tradução minha”).

¹¹ Alternativamente aqui se colocam as iniciais do autor / da autora do documento.

3.7. Características principais da composição de texto

3.7.1. *Expressões em língua estrangeira*

As expressões em língua estrangeira que não são integradas no idioma (técnico) português são marcadas em itálico.

Ex. 6: A diferença entre *signifiant* e *signifié* tem um papel importante aqui.

Evite o uso de expressões em língua estrangeira se existem equivalentes válidas no português ou se podem ser traduzidas facilmente nesta língua.¹²

3.7.2. *Material linguístico*

O material linguístico que se usa com frequência em trabalhos linguísticos tem de ser marcado como tal. Aplicam-se as seguintes convenções:

Identificação de

- Material linguístico em general: *em itálico*
- Material acústico: em transcrição fonética entre [kɔʃ'ɛtɪz] *colchetes*
ou em transcrição fonológica entre /'bavɛʃ/ *barras*
- Significados: 'entre aspas simples'
- Grafia: <entre chevrons>

Ex. 7a: A palavra italiana *inquinamento* significa 'contaminação do meio ambiente'.

Ex. 7b: Antes da /e/ e da /i/ o som /k/ latim palataliza-se a [s].

Ex. 7c: Desde que a reforma da ortografia entrou em vigor, a grafia <fato> em vez de <facto> é válida.

As expressões linguísticas das quais se escreve ou se fala são designadas como linguagem objeto. Expressões de linguagem objeto longas, enumerações de expressões de linguagem objeto ou exemplos da linguagem objeto com tradução se colocam em linhas separadas e se separam do texto por um espaço em branco antes e depois do exemplo. Estes exemplos são numerados com números árabicos. Exemplos que são relacionados juntam-se sob o mesmo número árabe subdividido por letras alfabéticas:

¹² Em casos de dúvida consulte obras de referência como os dicionários de termos técnicos para esclarecer termos pouco claros e a sua tradução ao português.

Ex. 8:

- (14) a. Quem quer passear com o seu cão pelo Danúbio?
 b. Onde quer o Pedro passear com o seu cão?
 c. Com quem o Pedro quer passear pelo Danúbio?

Exemplos de língua estrangeira, especialmente se se trata de uma língua menos conhecida,¹³ estruturam-se da maneira seguinte: A primeira linha contém o exemplo em língua objeto. A segunda linha contém a tradução interlinear palavra por palavra em língua meta, quer dizer, na língua na qual se escreve o trabalho. Esta parte chama-se glosa. Se possível e relevante para o argumento, a estrutura morfológica das palavras da linguagem objeto pode ser representada na glosa. Morfemas individuais separam-se por hífen. Se a estrutura morfológica da linguagem objeto é sintética, isso também se resolve nas glosas; neste caso colocam-se pontos entre as etiquetas dos morfemas individuais.¹⁴ Ambas as convenções aplicam-se no exemplo latim Ex. 9. No exemplo dum texto inglês (cf. Ex. 10), só os fenómenos relevantes no contexto do exemplo receberam uma etiqueta gramatical na glosa. A terceira linha do exemplo em língua estrangeira consiste numa tradução não literal do significado entre aspas simples.¹⁵

Ex. 9:

- (15) Non schol-ae sed vit-ae disc-imus.
 NEG escola-3SG.DAT.FEM senão vida-3SG.DAT.FEM aprender-1PL.IND.PRES.ACT
 ‘Não aprendemos para a escola, senão para a vida.’

Ex. 10:

- (16) In Sardinnia non bi sunt duas linguas, ma duas tradithiones graficas.
 in Sardinia not LOC BE.3.PL two languages but two traditions graphic
 ‘In Sardinia, there are not two languages, but two orthographic traditions.’

3.7.3. Tabelas e gráficos

As tabelas e os gráficos sempre têm um título e um número. É possível empregar uma numeração continua que contém exemplos (linguísticos), tabelas e gráficos em igual medida. Alternativamente, cada qual se enumera separadamente, por exemplo, “Figura 1: A propagação do ocitano”, “Tabela 1: Número de falantes”, etc.

Os gráficos e as tabelas interrompem a leitura. Por isso, sempre devem ser anunciados e comentados no texto. Preste atenção a formatá-los de maneira consistente com o trabalho

¹³ Na Romanística as línguas consideradas como conhecidas são o alemão e o inglês, e além destas a língua estudada no seminário. Mesmo assim, quando se estudam detalhes gramaticais, o uso de glosas linguísticas e a tradução dos exemplos é aconselhado e pode ser mesmo necessário.

¹⁴ As convenções de como glosar material linguístico, que são ligadas a considerações teóricase e a pergunta de pesquisa, podem ser consultadas nas *Leipzig Glossing Rules*, cf. Comrie et al. (2009).

¹⁵ Assegure-se de que as suas traduções correspondam ao texto original e que sejam compreensíveis em português. Isso não é sempre uma tarefa trivial. Muitas vezes requer uma pesquisa extensiva em obras de referência.

(fonte, tamanho de letra, etc.), e a colocá-los harmoniosamente no documento sem perturbar as proporções de página. Somente usa gráficos que sejam de qualidade perfeita. Evita incluir imagens mal digitalizadas. Em vez, se for possível, apresenta as suas próprias visualizações.

Qualquer ilustração ou gráfico tem de ser identificado como tal, com a designação respetiva (figura, tabela, etc.) e ser acompanhado de um título descritivo no cabeçalho. O texto do cabeçalho do gráfico pode ser num tamanho maior ou menor em relação ao resto do documento. A fonte e o tamanho do texto dentro de tabelas e gráficos correspondem aos valores da fonte básica.

Quando desenha gráficos (por exemplo, estruturas de árvores), deve-se observar os princípios gráficos. Árvores sintáticas torcidas ou desequilibradas, com linhas sobrepostas e outras violações, reduzem a qualidade do trabalho académico. Em geral, assegura que a apresentação seja clara; os quadros e gráficos têm de ser autoexplicativos. Significa que têm de ter relevância e ser significativos independente do texto que os envolve. Se se usam abreviaturas, têm de ser explicadas numa legenda.

3.8. A bibliografia

3.8.1. *Estrutura duma entrada na bibliografia*

Uma entrada bibliográfica contém toda a informação importante que permite localizar e verificar a fonte em questão. Também serve como referência completa para a referência rápida usada no texto corrente. Se o mesmo autor publicou mais do que uma obra no mesmo ano, deve haver maior diferenciação, por exemplo Chomsky (1986a), Chomsky (1986b), etc.

Os elementos mais importantes duma entrada bibliográfica, que cumprem com este requisito, são o sobrenome e o nome do autor (o dos editores) e o ano de publicação.

3.8.2. *Obras independentes versus obras dependentes*

Há outros detalhes importantes: Em primeiro lugar, distinguem-se formalmente obras independentes (monografias) e obras dependentes (artigos em antologias, publicações comemorativas, atas de congresso ou revistas). Os títulos das obras independentes sempre estão em itálico (igual aos títulos das revistas). Na maioria das convenções bibliográficas, os títulos das obras dependentes são colocados entre aspas duplas (mas não sempre é assim, cf. por exemplo o *Unified stylesheet for linguistics* 2007).

Em referências a obras independentes, além do nome, o ano de publicação e o título, acrescenta-se o lugar da publicação, o editor e a edição (caso não seja a primeira cf. Haegeman (1994) e Lehmann/Martin-Berthet (2007) em Exs. 11 e 12). Em referências a obras dependentes, inclui-se além do usual, o título e o(s) editor(es) da obra independente ou o título da revista na qual o artigo foi publicado e as páginas. Em referências a revistas se indica também o número do volume (e se houver o número do ano). Pode-se acrescentar mais informação, por exemplo, o número da série, traduções ou a publicação do mesmo trabalho em outro lugar, etc. Se um autor figura na bibliografia mais de uma vez, a partir da segunda entrada o seu nome pode ser substituído por barras transversais longas como indicação de omissão. Os nomes próprios dos autores podem ser abreviados, mas é mais informativo e então recomendável escrevê-los por completo.

Os separadores entre os componentes individuais duma entrada bibliográfica variam duma convenção para outra. Como sempre, a regra principal é a homogeneidade e a aplicação coerente de qualquer dos critérios formais eleitos. Independentemente da convenção, as referências bibliográficas sempre terminam num ponto. Os seguintes exemplos cumprem os requisitos formais da série linguística da editorial Niemeyer.

Ex. 11:¹⁶

- Ambar, M. (1992) *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*, Lisboa: Colibri.
- Álvarez Blanco, R.; H. Monteagudo & X. L. Rigueira (1986) *Gramática galega*, Vigo: Galaxia (= Biblioteca básica da cultura galega, Manuais).
- Chomsky, N. (1973) "Conditions on transformations" in S. Anderson & P. Kiparski (eds) (1973) *A Festschrift for Morris Halle*, New York, Holt: Rinehart & Winston, 232–286.
- (1986a) *Knowledge of Language*, New York: Praeger.
- (1986b) *Barriers*, Cambridge, Mass: MIT Press.
- den Besten, H. (1981) "Government, syntaktische Struktur und Kasus" in M. Kohrt & J. Lenerz (eds) (1981) *Sprache: Formen und Strukturen, Akten des 15. Linguistischen Kolloquiums Münster 1980*, Vol. 1, Tübingen: Niemeyer (= Linguistische Arbeiten 98), 97–107.
- Haegeman, L. (1994) *Introduction to the Government & Binding Theory*, Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell Publishers.
- Pollock, J.-Y. (1989) "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP" in *Linguistic Inquiry* 20, 3, 365–424.
- Radford, A. (1988) *Transformational Grammar. A First Course*, Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press.
- Shieber, S. M. (1986) *An Introduction to Unification-based Approaches to Grammar*, Stanford ICA: Stanford University, Center of Study of Language and Information (= CSLI Lecture Notes, 4).

¹⁶ Na seguinte bibliografia usada como exemplo os nomes próprios dos autores aparecem de forma abreviada. Não obstante, se se podem verificar todos os nomes, é melhor dar a informação completa. Uma vez mais, o objetivo maior é que a estrutura dos dados seja uniforme.

Os seguintes exemplos seguem um outro formato de registo bibliográfico que também se usa amplamente. Outra vez o lema é o seguinte: Escolher uma variante, aplicá-la de maneira consistente e não misturar diferentes convenções!

Ex. 12:

- Alboiu, Gabriela/Motapanyane, Virginia (2000): “The generative approach to Romanian syntax: an overview”. In: Virginia Motapanyane (ed): *Comparative Studies in Romanian Syntax*. Dordrecht: Elsevier, 1–48.
- Cornilescu, Alexandra (1998): “Remarks on the Syntax and the Interpretation of Romanian Middle Passive SE Sentences”. In: *Revue Roumaine de Linguistique* 43, 317–342.
- (2002a): “Rhematic focus at the left periphery: The case of Romanian”. In: Claire Beyssade et al. (eds.): *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*. Amsterdam: Benjamins, 77–91.
- (2002b): “On Focusing and Wh-Movement in Romanian”. In: *Balkanistica* 15, 103–127.
- Heim, Irene (1982): *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Dissertation, University of Massachusetts, Amherst.
- Hinterhölzl, Roland/Petrova, Svetlana (2008): “From V1 to V2 in Older Germanic”. Ms., Humboldt-Universität zu Berlin.
- Lehmann, Alise/Martin-Berthet, Françoise (2007): *Introduction à la lexicologie. Sémantique et morphologie*. Paris: Colin.
- Thomaßen, Helga (2004): *Lexikalische Semantik des Italienischen. Eine Einführung*. Tübingen: Niemeyer (= Romanistische Arbeitshefte 47).

3.8.3. Fontes de Internet

Já que a Internet evolui rapidamente, sempre surgem novas perguntas a respeito de como citar as fontes pertinentes. Entretanto, não obstante, tem-se estabelecido algumas convenções. Para a apresentação de referências bibliográficas que provêm da Internet, pode-se seguir por exemplo as recomendações da página web da IASLonline (2013).

Página web completa:

Romanistik.de (20.04.2020).

<<http://www.romanistik.de/>> (20.04.2020)

Página/Artigo numa página web (sem autor / autora):

“Termes régionaux de Suisse romande et de Savoie” (22.06.2007).

<<http://henrysuter.ch/glossaires/patois.html>> (20.04.2020)

Página/Artigo numa página web (com autor / autora):

Carvalho, Filipe “Anglicismos de (fácil) equivalência em português” (19.08.2016) In: *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/anglicismos-de-facil-equivalencia-em-portugues/3412>> (23.04.2020)

Cita dum documento PDF:

Mimoso, Anabela “Aonde nos leva a diversidade da língua portuguesa?” (03.2010) In: *Entre Textos, Universidade Lusófona*

<<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8564/entretextos-13.pdf?sequence=1>> (23.04.2020)

Página/Artigo sem número de páginas:

Sota, Ricardo (ed.) (1996-2008): *elcastellano.org. La página del idioma español*. “Usos del pronombre personal *se*”. Párrafo “Indicador de voz media”.

<<http://www.elcastellano.org/pronombr.html>> (16.10.2013)

Artigo numa revista online:

Horn, Valerie, Rinke, Esther & Flores, Christina: “Dialectal Variation in European Portuguese Central Vowel Perception”. In: *Journal of Portuguese Linguistics* 19 (1), (02/2020).

<<https://jpl.letras.ulisboa.pt/articles/10.5334/jpl.232/>> (22.04.2020)

A referência rápida no texto deve ser adaptada em função da informação disponível.¹⁷

4. A estruturação do conteúdo dum trabalho académico

4.1. As questões de pesquisa

Todo trabalho de seminário tem um tema e uma(s) questão/ões de pesquisa. A questão deve ser desenvolvida pelo próprio estudante em consulta com o professor / a professora. Não é suficiente fazer um resumo da literatura científica. A questão de pesquisa é escolhida de maneira que:

- possa ser tratada no contexto do trabalho académico de seminário,
- possa ser elaborada com os métodos disponíveis,
- possa ser desenvolvida dentro do tempo previsto e disponível,
- os resultados contribuam à evolução do tema,
- seja relevante. Em outras palavras: O porquê da questão de pesquisa é relevante para a teoria e a prática linguística. A motivação para a sua relevância deve ser exposta na introdução.

4.2. A estrutura textual

O texto deve tratar o tema do trabalho de maneira clara e bem estruturada e deve possibilitar uma orientação rápida no tema. Numa secção introdutória (introdução) apresenta-se o tema, define-se a área temática do trabalho e explicam-se o objetivo e o propósito do trabalho. Além

¹⁷ Podem-se adaptar por exemplo os seguintes formatos para os exemplos apresentados em cima (s. a. = sem autor; s. an. = sem ano): *Romanistik.de*; (s. a.) “Termes régionaux de Suisse romande et de Savoie”; Carvalho (s. an.), Mimoso (2010: 4), Horn et al. (2020: 9), Sota (1996–2008).

disso, na introdução o tema e a questão de pesquisa podem ser colocados num contexto mais amplo, o quadro teórico pode ser descrito e a abordagem metodológica pode ser justificada. Ao final da introdução esboça-se a estrutura do trabalho.

A parte principal do trabalho consiste de capítulos individuais, equilibrados quanto ao seu alcance e a sua extensão e focalizados na temática ao nível do conteúdo. Os capítulos organizam-se numa ordem adequada. A estrutura deriva da questão de pesquisa. É uma boa estratégia abordar a estrutura textual diretamente e frequentemente para torná-la transparente. Assim, a referência constante à questão de pesquisa cria um fio conductor. Possíveis formulações são por exemplo, “Nesta secção mostrou-se que...” ou “Na seguinte secção investiga-se...”. Uma estruturação clara e transparente para o leitor ajuda a evitar um erro comum: dizer a mesma coisa em várias partes do trabalho sem acrescentar nova informação.

Finalmente, todos os trabalhos terminam com uma secção de conclusão que, sob um título apropriado, oferece um resumo retrospectivo dos resultados centrais e abre novas perspectivas. Essas perspectivas podem fazer referência à questões ainda abertas ou à questões que se derivam das novas descobertas e conclusões do trabalho. Além disso, o trabalho académico de seminário pode conter um anexo onde se encontram os dados mais importantes (por exemplo, transcrições, entrevistas, avaliações tabulares, listas de palavras etc.).

Em geral, além dos capítulos e secções numerados e indicados por títulos, o texto se estrutura em parágrafos. Um parágrafo reflete uma unidade lógica de conteúdo e nunca consiste de uma frase só.

4.3. Língua, estilo e terminologia

Preste maior atenção à ortografia, à pontuação e à expressão verbal. Os erros de ortografia e pontuação devem-se evitar a todo o custo (cf. Correia & Ferreira (2017) para o Português Europeu e Becharra (2017) para o Português do Brasil). Um trabalho académico que contém um excesso de erros de ortografia e pontuação simplesmente não foi editado suficientemente, nem está preparado para ser entregue (excesso: mais que 4 erros por página). Além disso, evite os espaços em branco redundantes. Pode-se usar o revisor de ortografia automático do processador de texto, sempre com cuidado e atenção.

É quase redundante dizer, mas obviamente qualquer texto científico só contém frases gramaticalmente corretas. Por exemplo com respeito ao uso correto dos tempos verbais, a posição dos pronomes átonos e a seleção das palavras. Em caso de dúvida, consulte com

frequência as gramáticas de Hundertmark-Santos (2014) para o Português Europeu e de Cunha & Lindley Cintra (2017) para o Português do Brasil. Alguns conselhos gerais:

- Um requisito para se expressar com clareza é que se saiba o que se quer dizer. Não se pode explicar e portanto tratar de algo que não se entende completamente no seu trabalho.
- Escreve claramente e em frases curtas e simples!
- Usa conjunções que esclareçam as relações de conteúdo (coerência, conexão lógica) entre as frases!
- Não use expressões coloquiais ou que impliquem um juízo subjetivo! Um trabalho académico sempre adota uma perspectiva objetiva.
- Presta atenção ao uso correto das palavras! Para as palavras que se usam raramente ou cujo significado não está completamente claro, uma olhada nos dicionários ajudará.
- Evita repetir as mesmas palavras, mas não a todo o custo. Às vezes é útil consultar um dicionário de sinónimos.
- Oferece tantos exemplos quanto possível, e corrobore as afirmações sobre a linguagem com dados linguísticos concretos!

Se um assunto pode ser expresso sem usar palavras estrangeiras complicadas, é melhor omiti-las e optar por expressões neutras. Dito isto, muitas vezes os dados e fenómenos linguísticos só podem ser descritos de maneira exata recorrendo aos términos técnicos correspondentes. Neste caso, um uso correto da terminologia linguística é imprescindível. A melhor prática é definir no texto (ou numa nota de rodapé) os termos técnicos que não formam parte dos conhecimentos linguísticos básicos quando se utilizem pela primeira vez no trabalho. Se se trata de termos centrais para o tema e a questão de pesquisa, estes termos podem ser introduzidos e definidos numa secção à parte, onde são examinados no contexto teórico. Em todo caso, preste muita atenção neste aspeto porque o uso correto da terminologia é um dos critérios centrais para a avaliação dos trabalhos académicos, as teses e os exames finais.

4.4. Ideias próprias e de outros

Num trabalho académico, assim como em ensaios científicos e qualquer outro documento escrito, ideias e afirmações de outros têm de ser separadas de suas próprias ideias. Toda reprodução ou replicação mesmo que parcial de uma ideia requiere a indicação da fonte. Isto

vale independentemente de como a ideia é reproduzida: citações diretas requerem a indicação da fonte, assim como quando se adota uma ideia mais indiretamente. Dentro do texto corrente a fonte se indica normalmente através de referências rápidas. Sempre que o autor / a autora dum trabalho académico menciona conhecimentos de fatos que não pode haver adquirido por sua própria conta, a fonte do seu conhecimento tem de ser indicada.

Ex. 13a: O mirandês é uma língua asturo-leonesa falada ao Norte do Portugal (cf. Ceolin 2002: 62).

Ex. 13b: De 1555 a 1999 a ilha de Macau foi uma colônia portuguesa na Ásia (cf. Cristóvão 2005: 666).

Ex. 13c: Quanto ao uso dos possessivos em combinação com determinantes se encontra mais variedade no Português do Brasil (cf. Vianna Magalhães 2011, 125).

Em caso de dúvida, é melhor ter citações a mais do que poucas. É fácil esquecer-se de indicar a fonte dum informação no processo de escrever um trabalho. Isto pode ocorrer porque ao ler e preparar a literatura científica se tomaram notas imprecisas ou ocorre simplesmente por falta de atenção. Mesmo se isto não é intencional, trata-se dum forma de plágio: o fato que referências à fonte são omitidas – deliberadamente e com o motivo de fazer o próprio trabalho parecer mais inovador ou não. Esta forma de plágio não é menos grave do que a intencional. Porém, os trabalhos que consistem em grande parte só de citações também não se qualificam como um logro científico por direito próprio e portanto, avaliam-se como insuficientes com respeito ao seu conteúdo.

Sublinhamos outra vez que se as afirmações de outros autores reproduzidas, seja literalmente seja de forma indireta, sem que se indique a fonte, se trata dum plágio. O plágio é um intento do engano e também pode trazer consequências graves - até jurídicas!

4.5. Literatura científica

É possível que o professor forneça sugestões bibliográficas para obras que devem ser consideradas para o trabalho académico. No entanto, em geral é próprio(a) autor / autora do trabalho que identifica o material pertinente para seu tema e a sua questão de pesquisa. Quer dizer que é a tarefa dos estudantes também é obter uma visão geral da literatura relevante do seu tema e a sua questão de pesquisa.

Os estudantes que procuram literatura adequada sobre um tema específico muitas vezes enfrentam dois obstáculos típicos. Primeiro: a literatura que trata o tema num sentido geral é extremamente extensa e confusa. Segundo: não há literatura que trate o tema no sentido mais restrito. A única solução a estes problemas é ser o mais exaustivo possível na pesquisa bibliográfica e analisar, examinar e filtrar rapidamente o máximo da literatura disponível, para

poder identificar o que é irrelevante para o trabalho que pretende escrever, e neste processo eliminar uma grande parte das obras encontradas.

Pode-se achar nas bibliografias literatura sobre o tema dum trabalho, por exemplo na *MLA International Bibliography 1926-*, que está disponível em forma digital na rede da Universidade de Viena. Também é útil consultar monografias ou manuais utilizando as palavras-chave do tema no catálogo da biblioteca. Uma vez que tenha achado um artigo que pareça relevante para o tema, pode-se então utilizar as referências do artigo para achar mais literatura pertinente.

Os dicionários linguísticos (p.ex. Xavier & Mateus 1999-1992 e De Souza 2011) e os manuais de linguística portuguesa (p.ex. Martins & Carrilho 2016; Wetzels et al. 2016) também podem ser úteis, porque geralmente listam a literatura atual ou particularmente relevante sobre um tema específico ao final dos artigos. Podem também ser úteis e interessantes as informações online, mas ao mesmo tempo podem ser enganosas ou incorretas. Em todo o caso, tem de tomar cuidado e fazer uma clara distinção entre literatura científica e textos não científicos.

Portanto, é inevitável o autor / a autora revisar mais literatura do que vai ser incluído no trabalho. Desde o início da pesquisa, o autor / a autora tem de fazer uma seleção e distinguir as obras mais importantes dum conjunto de obras se calhar menos relevantes.

Os possíveis critérios de seleção incluem:

- Ano de publicação: quanto mais novo, mais recente (mas não necessariamente melhor!)
- Lugar de publicação: Publicou-se numa revista profissional e importante, por uma editoria profissional e importante? Ou publicou-se numa revista menos lida ou por uma editorial insignificante?
- Autor: O autor é um científico conhecido? Publicou outros artigos ou livros sobre questões semelhantes?
- Título: O título sugere que o seu tema corresponde ao tema do trabalho que pretende escrever? Ou o título sugere que o artigo só toca o tema do trabalho marginalmente?

Além de tudo isso, deve-se ter cuidado que a literatura especializada não consista exclusivamente de fontes de Internet.

5. Conclusão

No contexto do caráter autorreferencial das indicações presentes, esta conclusão apresentará um resumo, utilizado aqui apenas para preencher o espaço da conclusão. A conclusão de um verdadeiro trabalho acadêmico é muito importante e deve ter substância. Deve sintetizar os resultados e explicar de novo o processo de como foram adquiridos. Também é possível apresentar perspectivas futuras sobre outras questões ou temas de pesquisa.

Depois duma breve introdução ao tema, o presente documento esboçou em primeiro lugar o propósito dum trabalho acadêmico. Sublinharam-se os conhecimentos e habilidades essenciais que se adquirem ao escrever um trabalho deste tipo. Na segunda parte deste documento, ofereceu-se um panorama geral das convenções básicas com respeito à forma externa dum trabalho acadêmico. Mostrou-se várias vezes que não existe uma norma única e universalmente válida à qual se deva aderir servilmente, mas que o objetivo principal é respeitar a coerência e o rigor científico. Coisa que naturalmente não exclui desenvolver um trajeto próprio. Além disso, abordaram-se questões quanto à elaboração de conteúdos. Falou-se do processo de seleção dum tema e da pesquisa de literatura adequada. A importância destes dois aspectos do trabalho acadêmico não deve ser subestimada. Um ponto central foi sublinhar a necessidade urgente de separar as ideias e o trabalho próprio das ideias e do trabalho dos outros e identificá-lo de maneira consistente.

Por último, as presentes indicações pretendem esclarecer que as convenções descritas não têm como objetivo impor um trabalho desnecessário aos autores dos trabalhos acadêmicos, senão contribuir a uma apresentação adequada dos frutos do seu próprio trabalho e fazê-lo acessível aos leitores numa forma atrativa.

6. Bibliografia

- Bechara, Evanildo (coord.) (2017): *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 6.^a edição. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. <<https://voc.cplp.org/index.php?action=von&csl=br>> (20.04.2020)
- Comrie, Bernard, Haspelmath, Martin & Balthasar Bickel (2009): “The Leipzig Glossing Rules” (23.02.2009). <http://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/LGR09_02_23.pdf> (06.05.2013)
- Correia, Margarita & Ferreira, José Pedro (coord.) (2017): *VOP – Vocabulário Ortográfico do Português*. 2.^a edição. Coimbra: CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra. <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/vop.html>>
- Cunha, Celso & Lindley Cintra, Luís Filipe (2017): *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- De Souza, Thaís Mannoni L. (ed.) (2011): *Glossário de Linguística Comparada*. Fundamentos de Linguística comparada, Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte. <<https://dspaceprod01.grude.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/OAUFMG/795/GLOSSA RIO29fev.pdf?sequence=1>> (23.04.2020).
- Eco, Umberto (1997): *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gibaldi, Joseph (2009): *MLA handbook for writers of research papers*. New York: Modern Language Association.
- Hundertmark-Santos Martins, Maria-Teresa (2014): *Portugiesische Grammatik*. Berlin: De Gruyter Mouton.
- IASLOnline*: „Hinweise für Autoren“, Abschnitt „Zitieren aus dem World Wide Web” (09.13.2009). <<http://www.iaslonline.de>> (17.10.2013).
- Martins, Ana Maria & Carrilho, Ernestina (eds.) (2016): *Manual de linguística portuguesa*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.
- MLA International Bibliography* (1926–) – Modern Language Association of America.
- Niederhauser, Jürg (2011): *Duden. Die schriftliche Arbeit*. Mannheim/Zürich: Dudenverlag.
- Rothstein, Björn (2011): *Wissenschaftliches Arbeiten für Linguisten*. Tübingen: Narr.
- Standop, Ewald (2008): *Die Form der wissenschaftlichen Arbeit. Grundlagen, Technik und Praxis für Schule, Studium und Beruf*. Wiebelsheim: UTB/Quelle & Meyer.
- Soares, Maria Almira, Estrela, Edite & Leitão, Maria José (2013). *Saber Escrever Uma Tese e Outros Textos*. Lisboa: DOM QUIXOTE.
- Unified stylesheet for linguistics* (03.04.2007) <<http://linguistlist.org/pubs/tocs/JournalUnifiedStyleSheet2007.pdf>> (07.05.2013)
- Wetzels, W. Leo, Menuzzi, Sergio & João Costa (eds.) (2016). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: John Wiley & Sons.
- Xavier, Maria Francisca & Mateus, Maria Helena (eds.) (1990-1992): *Dicionário de Termos Linguísticos*, 2 Volumes. Lisboa: Edições Cosmos. Em linha: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology>> (23.04.2020).